

**CONSCIENTIZAÇÃO: TEORIA E PRÁTICA DA LIBERTAÇÃO: UMA INTRODUÇÃO AO
PENSAMENTO DE PAULO FREIRE.¹**

**CONSCIENTIZATION: THEORY AND PRACTICE OF LIBERATION: AN
INTRODUCTION TO THE THOUGHT OF PAULO FREIRE.**

**CONSCIENTIZACIÓN: TEORÍA Y PRÁCTICA DE LA LIBERACIÓN: UNA
INTRODUCCIÓN AL PENSAMIENTO DE PAULO FREIRE.**

*A realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre
que é modificável e que ele pode fazê-lo (Freire, 1979, p. 22)*

O livro *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*, de Paulo Freire, foi escrito em 1979, contém 53 páginas e foi publicado pela editora *Cortez e Moraes*. O mesmo possui uma apresentação, um prólogo e um estudo dividido em três partes. A apresentação é de Cecílio de Lora, então diretor da associação de Publicações Educativas. O prólogo discorre sobre uma breve apresentação das ideias contidas na obra. A primeira parte é intitulada *O homem e sua experiência*, a segunda, *Alfabetização e Conscientização* e a terceira *Práxis da Libertação*.

Na apresentação, Cecílio de Lora disserta sobre a importância de uma educação libertadora para formar um indivíduo consciente e capaz de construir sua história e interagir com o mundo através das esferas culturais, sócias e político-econômicas, na conferência dos ministros da educação ocorrida em Caracas, na Venezuela nos dias 06 a 15 de dezembro de 1971. O autor demonstra ainda que uma educação capaz de ser criadora é o objetivo para a formação de uma nova sociedade na América latina, diante deste cenário de desenvolvimento, das capacidades críticas e criadoras dos indivíduos, emerge o termo “conscientização” que é, não somente a transferência demasiada e sem estruturação do conhecimento, para induzir um novo conceito de alienação. Paulo Freire então criador e propulsor do termo demonstra através de sua sutileza à busca contínua da conscientização e a entrega inteira a fim de vivenciar o que ele acredita, buscando respostas para as inquietudes sociais de seu tempo.

No prólogo, a equipe INODEP (*Instituto Oecuménique au Service du Développement des Peuples*) apresenta três expressões para tentar definir Paulo Freire a primeira delas “um homem”, no sentido de se situar no seu tempo e espaço, comprometido a fazer que os sujeitos sejam autores de suas histórias no contexto da realidade brasileira. A segunda seria de “uma presença” sólida e determinada a dar voz e vez a todos que estão mergulhados na “cultura do silêncio”. E por fim “uma experiência” sendo a conscientização como uma pedagogia para libertação daqueles que vivem a sombra do analfabetismo, termo este, que ainda

não manifestou todo seu potencial para transformação de realidades. O mesmo aponta ainda que o método educativo de Paulo Freire, e muito mais amplo e libertador, pois apresenta desde seu início nos “círculos de cultura” ao mesmo tempo, apresentaria uma denúncia, das mais diversas situações de dominação que impedem o indivíduo legitimar-se como homem, como também uma afirmação, de que apesar da forte alienação sofrida pelo homem, este ainda é um ser detentor de uma grande capacidade de criação, por isso a necessidade de se intervir sobre a realidade social para transformá-la. O que deve estar norteado principalmente pela comunicação e interação, entre quem educa e quem está sendo educado, uma vez que ambos são criadores de realidades e dessa forma libertam-se simultaneamente.

Nesse sentido, a primeira parte da obra, intitulada *Homem e sua experiência* apresenta inicialmente Paulo Freire fazendo uma apresentação de si mesmo. Nascido em 19 de setembro de 1921, no Recife, filho de um militar da polícia civil de Pernambuco, Joaquim Temístocles Freire, definido por ele mesmo como: “extremamente bom, inteligente, capaz de amar: meu pai” (FREIRE, 1979, p. 9). E Edetrudes Neves Freire, que apesar de sofrer com o falecimento precoce de seu marido é boa e justa, e confia permanentemente em Deus. Com seus pais aprendeu principalmente a dialogar, e a importância do diálogo para manter as relações do homem com o mundo, após a crise de 1929 mudou-se para Jaboatão para amenizar os efeitos da crise, onde desde muito cedo, se preocupava em criar algo que realmente fizesse a diferença para o mundo. “Em Jaboatão, quando tinha dez anos, comecei a pensar que no mundo muitas coisas não andavam bem. Embora fosse criança comecei a perguntar-me o que poderia fazer para ajudar aos homens” (FREIRE, 1979, p. 9).

Com muitas dificuldades estudou, formou-se para professor e lecionava português no colegial, logo após trabalhou como assistente do departamento de serviço social do SESI, e em seguida como diretor do departamento de educação e cultura do mesmo, e na superintendência do estado de Pernambuco onde iniciou seu método. Que logo em seguida foi cessado pelo golpe de estado sofrido pelo país no ano de 1964, que além de ter todos os seus empreendimentos na educação paralisados ainda o levou a prisão por setenta dias. “Fui considerado como um “subversivo internacional”, um “traidor de Cristo e do povo brasileiro”, “Nega o senhor – perguntava um dos juizes – que seu método é semelhante ao de Stalin, Hitler, Perón e Mussolini?” (FREIRE, 1979, p.10).

O autor disserta ainda sobre o contexto histórico da experiência no Brasil, apontando que “Seu movimento começou em 1962 no Nordeste, a região mais pobre do Brasil – 15 milhões de analfabetos sobre 25 milhões de habitantes” (FREIRE, 1979, p.11). Onde os resultados alcançados foram muito satisfatórios chamando a atenção dos dirigentes do país “Os resultados obtidos – 300 trabalhadores alfabetizados em 45 dias – impressionaram profundamente a opinião pública. Decidiu-se aplicar o método em todo o território nacional, mas desta vez com o apoio do Governo Federal” (FREIRE, 1979, p.11). O plano inicial previa a instalação de 20 mil círculos de cultura, para formar no ano de 1964 cerca de 2 milhões de alunos, onde cada círculo educaria 30 alunos em dois meses.

Freire sempre preocupado em resolver os problemas de analfabetismo das massas oprimidas, oferecendo-lhes a liberdade pela conscientização, desenvolvendo neles o pensamento questionador e inventivo. O que confrontava os interesses políticos, que a época, não se preocupava com o povo, somente

com a alienação em seu favor, sendo assim não apoiava efetivamente a conscientização, por receio de que ela desse aos eleitores uma maturidade também política, e uma maior concepção crítica na hora de votar.

Exilado no Chile, Paulo Freire teve seu método muito bem compreendido e aceito, o que fez com que o a taxa de analfabetismo reduzisse em 5% em apenas seis anos. O então presidente demonstrava muito interesse em resolver a questão do analfabetismo do país, desenvolvendo sua comunidade para que esta fosse mais participativa, acreditando que a alfabetização melhoraria a vida da população como um todo, principalmente em suas relações com trabalho, família, cultura e economia. Diferentemente do Brasil, o método no Chile teve grande adesão, apesar de alguns líderes de partidos acreditarem que o método fosse demasiadamente radical e comunista. Foi criado um escritório de planejamento para a educação de adultos em 1965, que criavam pedagogias com a intenção de inicialmente, através de parcerias com entidades públicas e privadas, levar a educação aos centros urbanos e em seguida disseminar para as zonas rurais ou regiões mais afastadas. O que em apenas dois anos proporcionou ao Chile, uma distinção da UNESCO, como uma das cinco nações mundiais que mais se preocupam com o problema de analfabetismo.

Na segunda parte, denominada “*Alfabetização e Conscientização*”, o autor discorre sobre a filosofia e problemática da educação, onde expõe que apensar do termo conscientização ser o fundamento de suas ideias, o mesmo não foi inicialmente criado por ele, e sim pelos filósofos Álvaro Pinto e Guerreiro, através de estudos realizados no Instituto superior de Estudos Brasileiros, aproximadamente em 1964. “A conscientização não está baseada sobre a consciência, de um lado, e o mundo, de outro; por outra parte, não pretende uma separação. Ao contrário, está baseada na relação consciência – mundo” (FREIRE, 1979, p.15). Sendo assim “A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos” (FREIRE, 1979, p.16). A concretização se dá os sujeitos pela aproximação da realidade, o que é extremamente contrária a ideia de opressores que afastam o sujeito da realidade a fim de prendê-los a uma realidade mistificada e distorcida. “Os homens enquanto “seres-em-situação” encontram-se submersos em condições espaço-temporais que influem neles e nas quais eles igualmente influem” (FREIRE, 1979, p.19).

Antes de apresentar o processo metodológico Freire exprime ideias de força sobre a conscientização do sujeito, manifestando que para ser efetivo, todo método educativo deve inicialmente propiciar ao homem uma reflexão sobre o que será ensinado. Focando sempre em coloca-lo como sujeito de transformação de sua realidade e não como objeto meramente manipulado pela ação da realidade. “Quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1979, p.19). “A partir das relações que estabelece com seu mundo, o homem, criando, recriando, decidindo, dinamiza este mundo. Contribui com algo do qual ele é autor... Por este fato cria cultura” (FREIRE, 1979, p.21). A conscientização para o homem é o alicerce fundamental para que o ele descubra que a realidade é modificável, e que ele pode modifica-la. “É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação” (FREIRE, 1979, p.22).

Contradizendo as metodologias de aprendizagem utilizadas até então, os procedimentos propostos por Freire inicialmente se dividiam em cinco fases, onde a primeira delas consiste no levantamento vocabular de palavras e expressões, tipicamente utilizadas pelo público em que se pretende alfabetizar, para que as sentenças sejam dotadas de sentido para os indivíduos. Na segunda fase é feito um levantamento das palavras geradoras no universo vocabular levantando anteriormente, levando em consideração a diversidade silábica, a variedade fonética, e a utilização da palavra na prática, formando uma significação real para o indivíduo de acordo com seus costumes e cultura. Em seguida na terceira fase são elaboradas situações típicas, codificadas e estruturadas de acordo com grau de dificuldade fonéticas, para que os indivíduos produzam sentido e consigam compreender e decodificar as situações apresentadas. Na quarta fase são criadas fichas para auxiliar os coordenadores a conhecer os indicadores do programa, porém esse procedimento não será rígido, será elaborado de acordo com o rendimento. E por fim na quinta fase começa o trabalho de alfabetização elaborando fichas apresentando todos os grupos fonéticos correspondentes às palavras geradoras levantadas.

Depois de feito este levantamento inicial, os educadores indicam as palavras geradoras para que a alfabetização aconteça, não pela memorização, mais sim pelo levantamento de signos e significados, posteriormente, a palavra é exposta com sua separação silábica, para que o analfabeto compreenda as partes da palavra reconhecendo suas famílias silábicas, para que através dos sinais gráficos ele compreenda e dê significação. Essas fichas iniciais são chamadas de fichas de descoberta, pois propiciam o primeiro contato do analfabeto com a construção das palavras.

Tomamos por exemplo a palavra “Tijolo”, então separada em sílabas “Ti-jo-lo”, “Tendo reconhecido a sílaba “ti”, da palavra geradora “tijolo”, o grupo compara estas sílabas com outras, o que leva a descobrir que, se é verdade que começam da mesma maneira” (FREIRE, 1979, p.25). Logo em seguida e feito o mesmo levantamento com as demais sílabas, no qual são apresentadas todas as famílias para que seja feita a identificação da palavra. “Abordamos neste momento o estágio decisivo, o da apresentação simultânea das três famílias na ficha de descobrimento. ta-te-ti-to-tu ja-je-ji-jo-ju la-le-li-lo-lu” (FREIRE, 1979, p.25). Após o exercício oral são propostos exercícios escritos aos alunos, desde o primeiro encontro, tendo como tarefa a identificação escrita apontando todas as palavras possíveis com os fonemas comuns estudados.

No processo de aplicação do método expressado por Freire, são criados círculos de cultura, que sobrepõe à concepção de escola como conhecemos, onde os coordenadores não exercem o papel de professor, mais sim de um mediador do diálogo, que é a tarefa essencial do método, mais sem exercer influência sobre os analfabetos. “O que importa essencialmente é que, na discussão, estes homens, seres individuais concretos, reconheçam-se a si mesmos como criadores de cultura. Com esta discussão que precede a alfabetização, abrem-se os trabalhos do Círculo de Cultura e se preludia a conscientização” (FREIRE, 1979, p.27).

Na terceira e última parte o autor apresenta à *Práxis da Libertação*, através da definição de três palavras, sendo a primeira delas a opressão, onde o autor define que a sociedade é dividida em dois grandes polos, os opressores e os oprimidos. Onde os sujeitos oprimidos são aqueles que não são detentores da

liberdade, principalmente de escolha dentro de seu contexto social, uma vez que são empurrados pela ação dos opressores. Por essa razão, é necessário através da educação despertar nos indivíduos a mudança da concepção que esta enraizada nestes, e é promovida pelos opressores, que o indivíduo somente alcança a liberdade quando se torna um opressor.

O oprimido tem desconsideração por si mesmo, pois, “Ouvem dizer tão frequentemente que não servem para nada, que não podem aprender nada, que são débeis preguiçosos e improdutivos que acabam por convencer-se de sua própria incapacidade” (FREIRE, 1979, p.32).

A segunda palavra é a dependência, o autor inicia expondo que existem duas maneiras que influenciam a transformação das sociedades, a primeira delas a sociedade é o objeto dos outros ou de outra sociedade, a outra exprime que a sociedade atua como sujeito, ou seja, ela existe para si mesma. Na modernidade o processo de libertação só se dá, quando uma sociedade se liberta de outra. Uma vez que, existe uma relação de obediência implícita em uma sociedade a outra, principalmente em países subdesenvolvidos. “Sem isto estas sociedades continuarão a experiência da “cultura do silêncio”, que, havendo resultado das estruturas de dependência, reforça estas mesmas estruturas. Há, portanto, uma relação necessária entre dependência e cultura do silêncio” (FREIRE, 1979, p.33).

Nesse sentido o silencio está relacionado não àqueles que não exprimem a sua opinião ou estas não são aceitas, mas sim aqueles que seguem a risca o que lhe é imposto, reduzindo a experimentação de outras possibilidades. O que contribui para o surgimento de consciências dependentes das sociedades, que historicamente são dependentes de outras estruturas sociais, o que é definido como consciências semi-intransitivas. “A consciência semi-intransitiva é característica das estruturas fechadas. Dada sua quase imersão na realidade concreta, não percebe muitos dos desafios da realidade, ou percebe-os de uma maneira deturpada. Sua semi-intransitividade é uma espécie de inutilização, imposta pelas condições objetivas” (FREIRE, 1979, p.35).

E por ultimo o autor apresenta a palavra Marginalidade, expondo que os analfabetos, são equivocadamente vistos pela sociedade como seres marginalizados, ou seja, que estão à margem da sociedade, num movimento imperativo do centro para a periferia. “O homem marginalizado não é “um ser fora de”, ao contrário, um “ser no interior de”, em uma estrutura social, em relação de dependência para com os que falsamente chamamos seres autônomos e que, na realidade, são seres inautênticos” (FREIRE, 1979, p.39). Descontruindo essa concepção de perceber os analfabetos como seres marginalizados, e percebendo-os como indivíduos que integrantes da sociedade, é aceitável considera-los como homens doentes e que o remédio que traria a cura seria a alfabetização.

O autor acrescenta que os analfabetos não são seres que vivem a margem da estrutura social, mais sim seres oprimidos e alienados que vivem no interior dela, por conseguinte as práticas de alfabetizações mais recorrentes, apenas amplificam essa percepção, buscando os que vivem a beira para o centro da estrutura, não promovendo a liberdade e humanização. “Sob esta perspectiva, o analfabeto não é então uma pessoa que vive à margem da sociedade, um homem marginal, mas apenas um representante dos extratos dominados da sociedade, em oposição consciente ou inconsciente àqueles que, no interior da estrutura, tratam-no como uma coisa” (FREIRE, 1979, p.39).

À vista disso, autor nos fala ainda sobre duas linhas de ações emergentes, sendo a primeira a nova relação pedagógica, onde ele ressalta a importância da tomada de consciência por parte dos educadores para que esses não influenciem seus educandos, por suas concepções e crenças individuais. E entendam que a educação libertadora através da conscientização, precisa ser construída através da edificação de seus próprios conceitos e escolhas, e não apenas a transmissão de uma visão de mundo alienante.

A outra linha de ação apresentada pelo autor trata da ação cultural e evolução cultural, onde em um mundo separados entre dominados e dominantes, a ação cultural alienante, resulta em realidades não autênticas, e seres alienados sem compromisso nenhum com o futuro, vivenciando apenas experiências passadas, onde o grande objetivo é aparecer e não ser. Para se alcançar uma revolução cultural é necessário eliminar os aspectos culturais negativos, para que esses não reproduzam os modelos anteriores, todavia, desenvolvam o pensamento crítico da realidade, conscientizando da necessidade de libertação das estruturas opressoras e desumanizantes. “O papel fundamental dos que estão comprometidos numa ação cultural para a conscientização não é propriamente falar sobre como construir a ideia libertadora, mas convidar os homens a captar com seu espírito a verdade de sua própria realidade...” (FREIRE, 1979, p.46).

O livro é recomendado a todos aqueles que percebem que o modelo de escola padrão não é mais pertinente com a realidade mundial, e compactuam que a liberdade dos oprimidos somente se dará pela conscientização, visto que, são os próprios indivíduos são arquitetos de suas histórias.

Notas:

¹ FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.